



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAMON FAGNER DE QUEIROZ MACÊDO

**A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA: ESTRATÉGIAS PARA
ATENDIMENTO DE GRUPOS ESPECIAIS**

CAMPINA GRANDE

2017

RAMON FAGNER DE QUEIROZ MACEDO

A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA: ESTRATÉGIAS PARA ATENDIMENTO DE GRUPOS ESPECIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de relato de experiência apresentado ao Curso de bacharel Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Esp. Anny Sionara Moura Dantas

CAMPINA GRANDE

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M134p Macêdo, Ramon Fagner de Queiroz..
A prática de atividade física adaptada [manuscrito] :
estratégias para atendimento de grupos especiais / Ramon
Fagner de Queiroz Macêdo. - 2017.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Biológicas e da Saúde , 2018.
"Orientação : Não Informado , ."
1. 1. Educação Física. 2. Educação Física adaptada.
3. Atividades aquáticas. 4. Formação profissional.. I. Título
21. ed. CDD 613.71

RAMON FAGNER DE QUEIROZ MACÊDO

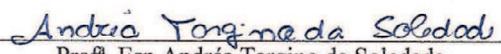
**A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA: ESTRATÉGIAS AO
ATENDIMENTO PARA GRUPOS ESPECIAIS**

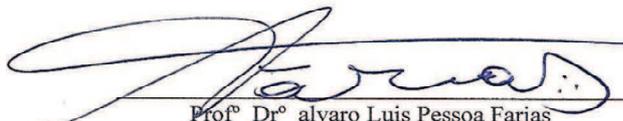
Trabalho de Conclusão de Curso- TCC em formato de relato de experiência, apresentado ao Curso de Bacharel em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovada em: 04/08/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Esp. Anny Sionara Moura Dantas (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Esp. Andréa Targino da Soledade
Faculdade Mauricio de Nassau (UNINASSAU)


Prof.^o Dr.^o Alvaro Luis Pessoa Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA: ESTRATÉGIAS PARA ATENDIMENTO DE GRUPOS ESPECIAIS

Macedo ,R.F.Q

*Graduando do curso de Bacharel em educação física
Universidade estadual da Paraíba

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência cujo objetivo é descrever as vivências no campo da Educação Física Adaptada, no período compreendido entre de 2014 a 2017. Evidencia-se o planejamento e a avaliação ao analisar cada indivíduo e suas patologias, transtornos e deficiências. Inicialmente, retrata-se a formação inicial desde a licenciatura plena até a formação científica como ser pesquisador, bem como as formações continuadas, salientando a necessidade de um atendimento adequado para a pessoa com deficiência. Foram desenvolvidas aplicações de protocolos de avaliação diagnóstica, estudos isolados de patologia, transtornos e deficiências que possibilitaram o planejamento estratégico. Essas experiências, de uma forma ampla, proporcionaram a quebra de paradigmas e equívocos em torno da Educação Física Adaptada (doravante EFA), tendo como centro o mapeamento de estratégias metodológicas que melhorem a atuação e possibilitem reflexões da formação e prática do profissional com foco na Educação Física Adaptada. Observar essas experiências profissionais nas discussões em diversos ambientes , constantemente, nos faz pensar em alternativas para o atendimento nessa modalidade de ensino, visto que consideramos a prática da Educação Física Adaptada capaz de promover avanços na área motora e nas demais áreas de desenvolvimento da prática de atividade física e de esportes. Por fim, salientamos a necessidade do profissional de Educação Física experimentar realizar intervenções de cunho científico para melhoramento profissional..

Palavras chave: Educação Física Adaptada. Vivência Acadêmica e Profissional. Formação.

LA PRÁCTICA DE ACTIVIDAD FÍSICA ADAPTADA: ESTRATEGIAS PARA LA ATENCIÓN DE GRUPOS ESPECIALES

Macedo, R.F.Q

* Graduado del curso de Bachiller en educación física

RESUMEN

El presente trabajo se trata de un relato de experiencia cuyo objetivo es describir las vivencias en el campo de la Educación Física Adaptada, en el período comprendido entre el 2014 a 2017. Se evidencia la planificación y la evaluación al analizar cada individuo y sus patologías, trastornos y deficiencias. Inicialmente, se retrata la formación inicial desde la licenciatura plena hasta la formación científica como ser investigador, así como las formaciones continuadas, resaltando la necesidad de una atención adecuada para la persona con discapacidad. Se desarrollaron aplicaciones de protocolos de evaluación diagnóstica, estudios aislados de patología, trastornos y deficiencias que posibilitaron la planificación estratégica. Estas experiencias, de una forma amplia, proporcionaron la ruptura de paradigmas y equívocos en torno a la Educación Física Adaptada (en adelante EFA), teniendo como centro el mapeamiento de estrategias metodológicas que mejoren la actuación y posibiliten reflexiones de la formación y práctica del profesional con foco en Educación Física Adaptada. Observar esas experiencias profesionales en las discusiones en diversos ambientes, constantemente, nos hace pensar en alternativas para la atención en esa modalidad de enseñanza, ya que consideramos la práctica de la Educación Física Adaptada capaz de promover avances en el área motora y en las demás áreas de desarrollo de la práctica de actividad física y de deportes. Por último, subrayamos la necesidad del profesional de Educación Física de experimentar realizar intervenciones de carácter científico para el mejoramiento profesional.

Palabras clave: Educación Física Adaptada. Vivencia Académica y Profesional. Entrenamiento

INTRODUÇÃO

No momento histórico fortemente marcado pelo hiperconsumo, pela formatação do corpo e pelas técnicas de desenvolvimento pessoal (mistura complexa de *psi*, misticismo Coaching ou personal trainer), que prometem uma vida mais intensa e feliz, tanto no aspecto pessoal, quanto profissional, verifica-se uma transmutação do *être* (“SER”) em *plus-être* (“SER MAIS”), visto que se torna uma obsessão constante dos sujeitos o modelo de “perfeição” que seja aceito social e culturalmente.

Nesse contexto, em que a hiper-realidade influencia a imagem do corpo, o lugar do “real” é substituído pela tirania de um “eu ideal”, fortemente marcado pela autovigilância do corpo e pelo estímulo do superego. Concomitantemente, convivem nesse cenário o isolamento e o individualismo com funcional e o trans-pessoal, contribuindo para a construção da identidade da Educação Física.

Acerca disso, Grineski(1998) destaca que a Educação Física deve atuar no sentido de ajudar a construir: “ the potential is great for physical education to become a recognized partner within the general education program .through a cooperative emphasis, the “whole” student can be engaged in thinking about ,learning about , and enjooying movement with peers. In order for this to occur ,cooperative learning needs to be [...] a way of viewing teaching and learning” (pág XII)¹.

Acerca desse aspecto interacional envolvido na prática da Educação Física, e de suas influências para o desenvolvimento psicossocial e motor de portadores de deficiências, nas décadas passadas, ações realizadas por pais e educadores incentivaram e colocaram em prática a inclusão nas escolas, instituições sociais e clubes para indivíduos com deficiências, transtornos e síndromes, forçando, assim, a

¹ Tradução: "O potencial é grande para a educação física para se tornar um parceiro reconhecido dentro do programa de educação geral. Através de uma ênfase cooperativa, o estudante" todo "pode estar envolvido em pensar sobre, aprender sobre, e desfrutandomovimento com os pares. Para que isso ocorra, o aprendizado cooperativo precisa ser uma forma de ver o ensino e a aprendizagem "(pag. XII).

busca ao respeito humano e a dignidade no sentido de propiciar o desenvolvimento a todos os acessos à sociedade por parte deste grupo.

Nesse sentido, é consoante que pesquisas, no âmbito acadêmico, em torno das práticas de atividades físicas e esportivas adaptadas, que promovam inclusão social dos indivíduos com deficiência mental, intelectual ou física, no âmbito do ensino da Educação Física, se fazem necessárias.

A abertura de espaços destinados ao desenvolvimento do conceito de Educação Física Inclusiva, que se relaciona com o modelo social de deficiência - modelo que realça não tanto as limitações ou dificuldades da própria pessoa, mas acima de tudo a forma com que a escola, a sociedade e a família enfrentam essas limitações -, é imprescindível para o fortalecimento de ações voltadas para a inserção da pessoa com deficiência na sociedade.

Nesse contexto, vale destacar a importância do profissional de Educação Física, responsável por avaliar planejar, ensinar, transmitir conhecimentos e contribuir para uma intervenção adequada ao deficiente, tendo em vista as suas limitações.

Todavia, não existe ainda um consenso quanto à política de integração e inclusão realizada por meio da Educação Física. Embora haja uma discussão em torno do assunto, tanto no nível nacional, quando internacionalmente. Para ilustrar, cita-se diversas conferências e eventos, a exemplo da: Conferência Mundial de Educação Física em que participaram 88 países e 25 organizações internacionais; Assembleia Geral na cidade de Salamanca, na Espanha, em 1994, que resultou na Declaração de Salamanca, a qual aponta questões que servem de reflexão e de mudanças para a sociedade atual, como a importância da prática de atividades físicas e esportivas para manutenção da saúde e prevenção de doenças, como também durante o processo de reabilitação, aspectos fundamentais para o ser humano.

O profissional de Educação Física tem ganhado destaque por fazer parte da equipe de profissionais que contribui para as intervenções na área da saúde dos PCD, PPD e PNE colaborando com os demais agentes dessa área para melhora no

desenvolvimento individual como um todo do público envolvido na prática da Educação Física Adaptada.

Esta e o esporte adaptado surgiram com o intuito de propor ao público-alvo viver a “conformidade”, ou seja, o movimento do corpo a partir de suas limitações. Assim, tratar pessoas com deficiência exige a busca constante de meios para execução de tarefas que estejam adequadas às suas possibilidades.

No Brasil, segundo a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), a porcentagem estatística de deficientes é de 10% da população. Porém, para Ribas (1994) esse número é bem maior, pois a OMS indica que nos países de terceiro mundo a porcentagem pode variar entre 15% a 20% da população, além disso, regiões, como Norte e Nordeste são os locais de maior incidência de deficiente cujos meios de vidas são insatisfatórios.

A Educação Física tem um grande papel para o atendimento deste público, pois atua no desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo, sendo uma área de conhecimento que trabalha diretamente com o corpo e suas significações em todos os seus contextos. Sobre isso, Juhcken *et al* (1987, p17) destaca que: "o esporte exerce papel fundamental no desenvolvimento somático funcional, baseado em metros e normas e que respeita a individualidade de cada um, bem como suas capacidades e limitações."

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo relatar e discutir as vivências durante a nossa formação acadêmica e atuação profissional, no período de 2014 a 2017, com Educação Física Adaptada.

Uma formação acadêmica de qualidade em Educação Física Adaptada passa por momentos de avaliação no que tange ao entendimento pedagógico, produção, reprodução, transformação ou efetiva aplicação do conhecimento adquirido na graduação. Devemos nos preocupar com os anseios do aluno, necessidades de formação e meios técnicos e pedagógicos para o alcance deste.

Podemos refletir sobre a formação acadêmica em Educação Física com visão nos esportes adaptados de forma a construir uma análise crítica sobre os aspectos pedagógicos, verificando a evolução sistemática das pesquisas e ações de políticas

públicas com reconhecimento progressivo dos deficientes no tocante da sua participação social.

Tratar a formação pedagógica acadêmica e sua ação é refletir sobre vários aspectos ligados às competências técnicas e pedagógicas inerentes ao futuro profissional de Educação Física, que pertence ao campo das Ciências da Motricidade e envolve todo o progresso cultural da sociedade brasileira. Assim, nossa discussão torna-se ampla por não tratar de um fato isolado, mas de fenômenos divergentes e, ao mesmo tempo, convergentes, como: políticas públicas, cultura corporal e sistemas educacionais.

Quando se trabalha com formação acadêmica de jovens e adultos, é fundamental conhecer os anseios da aplicabilidade do conhecimento no meio contemporâneo. Assim, é importante a compreensão individual e coletiva da bagagem cultural e científica que trazem para o universo acadêmico.

Dentro deste contexto, o componente curricular de Educação Física Adaptada tem como principal objetivo a ampliação das possibilidades, utilização e sistematização de atividades em torno da cultura corporal, envolvendo grupos mistos e também tratamentos isolados.

Entender a atividade física não apenas como mero movimento humano, mas como conhecimento historicamente acumulado e transmitido socialmente, pois ela traz consigo mais que atividades fisiológicas e biológicas do corpo que tem como característica a expressão e comunicação de gestos e a presença de música, é primordial para uma atuação que foque na construção de uma linguagem corporal, compreendida e assimilada pelo grupo que responde com um teor expressivo de igual validade. O conteúdo de atividades rítmicas e expressivas apresenta-se muito rico e apropriado para a aquisição de capacidades motoras, cognitivas e socioafetivas.

Contudo, é evidente que os professores tem como principal preocupação a preparação dos alunos para o mercado de trabalho, mesmo que não saibam quais grupos irão atender. Por tratar-se de indivíduos com perfis tão divergentes, a Educação Física Adaptada (EFA) é uma parte da EF que tem como objetivo o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam

diferentes condições para a prática das atividades físicas. Seu foco é o desenvolvimento da cultura corporal de movimento, justamente na e para as pessoas com deficiências (GORGATTI, DA COSTA, 2005)

A necessidade de investigação nos enfoques da Educação Física e suas práticas inclusivas e inserção social de pessoas com deficiência mental/intelectual se fazem necessárias, mas precisamente no estado da Paraíba, pela precariedade.

De acordo com o Censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico) 62058 pessoas apresentam deficiência mental/intelectual no estado da Paraíba. No entanto, estados e municípios não possuem uma política efetiva de inclusão que viabilize planos integrados de urbanização, de acessibilidade, de saúde, educação, esporte, cultura, com metas e ações convergindo para a obtenção de um mesmo objetivo: resguardar o direito das pessoas com deficiência.

As dificuldades são imensas para sensibilizar executivos de empresas privadas, técnicos de órgãos públicos e educadores sobre essa questão. Um sentimento de omissão aparece, consciente ou inconscientemente, em técnicos, executivos e burocratas, quando necessitam decidir sobre o atendimento às pessoas com deficiência.

A inserção de pessoas com déficit intelectual torna-se bastante remota quando não lhes são permitidas desenvolver os instrumentos necessários para se adaptarem às condições ambientais que mudam constantemente. Uma boa adaptação repousa sobre a faculdade de utilizar as aquisições intelectuais em diversas situações que apresentam características similares.

Estudos sobre a dimensão microgenética das organizações cognitivas, por exemplo, têm trazido algumas contribuições relevantes para o esclarecimento do funcionamento mental de aprendizes, perante situações de resolução de problemas (INHELDER; CÉLLERIER, 1992).

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Falar de atividade física é falar em algo que está cada vez mais presente no nosso cotidiano, não porque esteja “na moda”, mas porque já está mais do que

provado pela ciência os benefícios da atividade física na melhoria da saúde e da qualidade de vida. Segundo Teixeira (*apud* MATSUDO, 2000, p. 2):

Os principais benefícios à saúde advindos da prática de atividade física referem-se aos aspectos antropométricos, neuromusculares, metabólicos e psicológicos. Os efeitos metabólicos apontados pelos autores são o aumento do volume sistólico; o aumento da potência aeróbica; o aumento da ventilação pulmonar; a melhora do perfil lipídico; a diminuição da pressão arterial; a melhora da sensibilidade à insulina e a diminuição da frequência cardíaca em repouso e no trabalho submáximo. Com relação aos efeitos antropométricos e neuromusculares, ocorre segundo os autores, a diminuição da gordura corporal, o incremento da força e da massa muscular, da densidade óssea e da flexibilidade. E, na dimensão psicológica, afirmam que a atividade física atua na melhoria da autoestima, do autoconceito, da imagem corporal, das funções cognitivas e de socialização, na diminuição do estresse e da ansiedade e na diminuição do consumo de medicamentos.

Percebe-se que a atividade física não é apenas uma prática na qual se tem um gasto energético maior que o normal, ela se constitui como um importante instrumento na prevenção de doenças, tratamentos (no caso da reabilitação), fortalecimento muscular e ósseo, controle hormonal, proporciona bem-estar, enfim, melhora a qualidade de vida como um todo.

Nesse sentido, a Educação Física enquanto área de conhecimento responsável pela realização dessas atividades tem um importante papel: o de preparar profissionais capazes de lidar com situações inesperadas do cotidiano, sendo reflexivos na sua prática, resolvendo problemas e inventando estratégias que atendam as necessidades dos alunos, levando-os a desenvolver plenamente suas capacidades motoras e, principalmente, respeitando as suas especificidades e limites.

Mas, o objetivo aqui não é discutir formação do profissional de Educação Física, e sim, suas práticas inclusivas que favoreça evolução social da criança deficiente mental/intelectual. Nesse sentido, a Educação Física Adaptada oferece muitas possibilidades de trabalhar com estas crianças, auxiliando no seu desenvolvimento e na inclusão não só nas aulas, mas também na sociedade, visto que inclusão é um direito de todos.

De acordo com Carvalho (1998), Oliveira e Poker (2002) (*apud* AGUIAR e DUARTE, 2005, p. 224):

[...] o paradigma da escola inclusiva pressupõe, conceitualmente, uma educação apropriada e de qualidade dada conjuntamente para todos os alunos – considerados dentro dos padrões da normalidade com

necessidades educacionais especiais – nas classes do ensino comum, da escola regular, onde deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos, indiscriminadamente. Sendo assim, o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independente de seu talento, deficiência (sensorial, física ou cognitiva), origem socioeconômica, étnica ou cultural.

As constantes discussões referentes às concepções em torno da Educação Física Escolar têm permeado o meio docente e nos convidado a refletir sobre o ensino dessa respectiva disciplina. Sobretudo, nos chama a atenção a relação entre as concepções, nem sempre consensuais, em torno dessa ciência, que refletem diretamente na formação e na prática pedagógica dos alunos e professores do Curso de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba e professores de escolas públicas regulares no município de Campina Grande/ Paraíba.

Apesar de haver uma polêmica em torno do termo “Educação Física Adaptada”, o entendimento aqui construído busca reiterar essa ação educativa como princípio inclusivo para a participação social. Desse modo, a nossa prática diferencia-se de ações baseadas em concepções docentes frágeis e fragmentadas que refletem, frequentemente, em práticas educacionais que não atendem aos princípios mínimos de inclusão de todos os alunos nos espaços educacionais pesquisados.

Salientamos ainda que as análises aqui apresentadas não têm qualquer intenção de expor um pensamento uniforme sobre as temáticas abordadas, ao contrário, buscam captar os conflitos, tensões e contradições que permeiam as políticas e práticas educativas inclusivas.

E ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p.17): “as políticas educacionais devem ser suficientemente diversificadas e concebidas, de modo a que a educação não seja um fator suplementar da exclusão social”. Ou seja, indicam que os alunos devem adotar atitudes de solidariedade, cooperação, justiça e respeito, além disso, devem ser capazes de participar de atividades corporais utilizando estes valores para com os outros.

Nesse sentido, as atividades físicas oferecidas pelos profissionais de Educação Física (jogos, esportes, danças, lutas, ginástica) representam mais que um momento de recreação, elas são uma ferramenta de fundamental importância

para o desenvolvimento das crianças. Pois, possibilita trabalhar vários aspectos do aluno, envolvendo atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, pensamento, linguagem, enfim, permitem a liberdade de expressão e sentimentos; desenvolvem na criança o aspecto cognitivo e motor, além de sociabilizá-los, contribuindo para o desenvolvimento como um todo, tanto de crianças ditas “normais”, quanto deficientes.

De acordo com Amiralian *et al* (2000, p. 98), a deficiência é tratada como:

[...] perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão.

No entanto, este estudo optou por tratar da deficiência mental/intelectual, visto que, crianças com esta deficiência apresentam idade cronológica mental inferior se comparada com crianças ‘normais’ da mesma idade. Fato que dificulta sua inclusão na escolar regular.

A deficiência mental está inserida em sistemas categoriais há séculos, figurando como demência e comprometimento permanente da racionalidade e do controle comportamental. Essa compreensão pode ter contribuído para a manutenção de preconceito e influenciado pensamentos e atitudes discriminatórios acerca da deficiência mental, como se verifica em muitas sociedades modernas. (CARVALHO; MACIEL, 2003, p.148)

A criação de instituições destinadas à educação especial deve-se ao fato de que as pessoas acreditavam que os deficientes não eram capazes de aprender, ou ainda, consideravam que eles poderiam representar um perigo à sociedade. A educação especial foi uma bandeira levantada a favor da inclusão destas pessoas na sociedade. Pessoas que viram e acreditaram que era possível uma educação para incluir os deficientes no meio social, decidiram lutar a favor dessa causa e deram pequenos passos que chegaram a grandes conquistas. A existência de associações destinadas à educação especial significa que a sociedade tem despertado para as necessidades das pessoas “diferentes” e acreditado que são capazes de aprender e conviver com os ditos “normais”.

Por sua vez, a Educação Física com suas atividades se entrelaça a educação inclusiva na medida em que também trata de aspectos afetivos e políticos. Nesse sentido, Mattos (2006, p. 86; 88) reflete que:

Quanto aos aspectos afetivos, destacam-se o 'trocar' e o 'valorizar' que implicam as relações cotidianas com os outros. Por essas experiências, as práticas sociais surgem na luta contra a exclusão e no desenvolvimento da autonomia do aluno. Os aspectos políticos levam a 'entender' e 'respeitar' e os culturais a transpor barreiras e a formular novos pensamentos e juízos de valor acerca do aluno que apresenta necessidades especiais. Esses aspectos encontram-se nas aulas de Educação Física com visão inclusiva, pela interação corpo-mente entre as pessoas.

E ainda:

A Educação Física escolar possibilita ao aluno adquirir conhecimentos sobre o corpo, hábitos de higiene e de autocuidado, além de favorecer a construção de relações interpessoais que levam ao respeito mútuo, à solidariedade e à prática inclusiva. (p. 88)

A evolução dos conceitos de incapacidade e inadaptação - em que esta última é resultante da interação entre os hábitos de vida da pessoa e os obstáculos impostos pelo meio - poderá estender-se e alcançar o espaço das escolas, eliminando ou reduzindo esses obstáculos do ponto de vista cognitivo. De fato, assim como o meio físico e a arquitetura das escolas não foram planejados para acolher alunos em cadeiras de rodas, o ambiente cognitivo das escolas não está, no geral, preparado para o ensino da pessoa com deficiência mental integrada às normais (MANTOAN, 1998).

O reconhecimento do papel dos fatores ambientais e dos que são internos aos indivíduos, no processo interativo de produção de inaptações, se expressa em todas as inovações conceituais citadas. As características do indivíduo foram durante muito tempo a única meta das intervenções educativas, mas, hoje, nenhum modelo educativo pode ignorar as características do funcionamento das pessoas que apresentam incapacidades intelectuais, sem considerar a interação destas com o meio (MANTOAN, 1998).

Apesar de se falar tanto do papel inclusivo da escola, ela está longe de ser um ambiente que supre todas as necessidades de seus alunos. Muitas vezes, ela exclui, segrega e não é acessível a todos como deveria ser. Por outro lado, a educação especial, unindo a atividade física adaptada com as práticas inclusivas

pode, oferecer uma grande contribuição para a evolução social dessas crianças, tornando-as mais confiantes, capazes, melhorando seu convívio social e fazendo com que elas se tornem ativos e participativos na sociedade.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo relatar e discutir as vivências durante a nossa formação acadêmica e atuação profissional, no período de 2014 a 2017, com Educação Física Adaptada.

O cenário do estudo se dá nos seguintes locais: Projeto de Extensão, Dança e Natação Inclusiva para Usuários da Piscina Centro de Reabilitação em Saúde do Trabalhador - CERASTE - Campina Grande, Escola Municipal Manoel Francisco da Motta, Escola da Melhor Idade e Academia do DEF –Departamento de Educação Física

Assim, temos um Panorama abrangente de deficiências em virtude das especificidades dos públicos envolvidos. Com todos os grupos foram realizadas a avaliação física, resgate histórico de doenças, patologias e hábitos - o período de atendimento variou de acordo com cada grupo, conforme demonstrado abaixo:

RELATO

Para iniciar, gostaríamos, em poucas linhas, de falar sobre a nossa trajetória de formação docente, a fim de justificar a escolha do tema desenvolvido nesse trabalho. Podemos afirmar que o percurso no componente Educação Física Adaptada, durante o Curso de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba, nos possibilitou vivenciar e discutir as deficiências e transtornos patológicos, bem como suas nuances de atendimento.

Esse período se fortaleceu pela conjuntura das políticas públicas de incentivo ao esporte, em virtude dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, entre 2010 a 2015,

que nutriram a esperança do sonho olímpico brasileiro. Diante dessa conjuntura, nossa primeira experiência se deu como professor de natação para criança de transtorno mental, no projeto que tivemos o prazer de participar como Bolsista de Jaú. Elaboramos, planejamos e executamos atividades para as crianças (divididas em dois grupos: um de 6 a 8 anos e outro de 10 a 14 anos) que, em sua maioria, apresentavam combinações de patologias.

Tal experiência tornou-se de grande valia, pois foi a partir dela que iniciamos nossa compreensão mais aprofundada sobre o tema. Além disso, o projeto foi pioneiro no Brasil, refletindo a necessidade de mais pesquisas científicas em torno dessa temática.

Por possuir tal experiência, trabalhamos em duas clínicas escolas para atendimento com crianças com TEA(transtorno de espectro de autismo).

Já no ano 2015, após concluirmos a Licenciatura em Educação Física, trabalhamos na Escola Manoel Francisco da Motta que contava com 19 alunos com necessidades especiais, sendo cinco autistas (com esquizofrenia), três com síndrome de down; cinco com TDH; um com retardo mental; um com síndrome de Van der woude (confirmar o nome dessa síndrome); dois com deficiência de locomoção e dois com deficiência auditiva - aqui só estão listados os que possuem laudo médico.

Em 2016, continuamos com os projetos anteriores e, por convite, aceitamos o novo desafio de trabalhar com atividade física e cognitiva com 4 idosos com demência provocada por ao Alzheimer.

Essas experiências foram como um gatilho para busca de cursos de formação voltados ao atendimento personalizado para PcD (Pessoa com Deficiência); aos poucos, fomos compreendendo e encontrando um modo de agir diante de cada situação. Porém, o mais importante é saber planejar, interpretar e compreender o modo como os usuários aprendem, valorizando a menor resposta e fortalecendo os aspectos positivos do processo.

O princípio fundamental do atendimento adaptado na Educação Física se dá em função do amparo legal e das exigências sociais destinadas ao deficiente na

conjuntura da sociedade atual. Independente de dificuldades e limitações existentes, devemos reconhecer às diversas necessidades do usuário, dando-lhe respostas legais, éticas e científicas, acomodando os estilos ritmos às especificidades e necessidades em função de diferentes objetivos.

A exigência da reflexão em torno da ligação entre conhecimento científico e prática docente influencia diretamente na maneira de ver o outro e suas necessidades motoras, cognitivas e afetivas. Desse modo, a Educação Física Adaptada possui um significado maior que é a modificação dos paradigmas da sociedade como pré-requisito para o desenvolvimento do exercício da cidadania.

Acerca disso, Spasati (2000) discute a necessidade de reverter situações, entre as quais: a dificuldade de aquisição do direito a diferença; a perda do lugar no mundo por parte da pessoa deficiente; as influências sobre a sua identidade, etc. Essas situações devem ser revertidas, e entendidas como responsabilidade pública e social, caso contrário, continuaremos visualizando o quadro de discriminação – que consiste na não realização do direito a diferença garantido às pessoas reconhecidas como excluídas.

ATIVIDADES AQUÁTICAS PARA GRUPOS DE IDOSOS

A prática da Educação Física Adaptada também está diretamente relacionada com o público idoso, visto que as suas especificidades físicas exigem maior atenção e ponderação por parte do educador. Assim apresentaremos algumas considerações sobre o Programa SESI, em que foram desenvolvidas ações voltadas para o referido público, as quais apresentaram resultados positivos.

As mudanças são perceptíveis nos idosos participantes do Programa, visto que eles se mostram mais dispostos a realizar as atividades desenvolvidas no dia a dia, bem como aquelas propostas durante o Programa do SESI. Além disso, os idosos mostraram bastante contentamento, inclusive com os processos de socialização. O fato de conhecer novas pessoas atua como agente motivacional, tanto quanto a prática de atividades físicas. Um ambiente de socialização agregador torna, muitas vezes, uma tarefa árdua e prazerosa.

Atividades realizadas em grupo possibilitam desenvolver um excelente trabalho psicossocial, melhorando a autoestima e o bem estar social, uma vez que alguns idosos tendem a se isolar da sociedade e do convívio com amigos.

Todos eles passam por uma avaliação física e exames antes de iniciar a rotina de exercícios. A prática regular de exercícios físicos, bem como outros hábitos saudáveis para as pessoas idosas, além de ser fundamental, exerce extrema importância para a estimulação de benefícios mais acentuados, inclusive para idosos que portam alguma doença aguda ou crônica.

A inserção de uma rotina de exercícios físicos melhora a qualidade de vida de pessoas idosas e traz resultados visíveis em curto prazo. Velasco (2006, p.111) afirma que praticar “Exercícios físicos diários – principalmente os aeróbios, e impacto, exercícios de peso e resistência – em intensidade moderada, com este trabalho físico, estará garantindo a independência da vida do idoso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que o atendimento realizado durante a Educação Física Adaptada se deu ao elencarmos o processo de aprender o mundo e seu entorno, o relacionamento com a autoimagem e com sua família e o papel dela. Assim, podemos verificar que houve um desenvolvimento considerado por parte dos sujeitos da pesquisa, pois, mesmo com suas dificuldades e suas particularidades, houve interação entre eles por meio da prática de atividade física.

A compreensão dos motivos que levam o usuário a praticar alguma atividade física só é possível com um resgate histórico e social da pessoa com transtorno ou deficiência na sociedade. Para isso, é imprescindível o envolvimento da família nesse processo de inclusão através da Educação Física e suas modalidades. Nesse quesito, o professor de Educação Física tem um papel importante no sentido de mediar e facilitar o envolvimento das famílias no que concerne ao apoio necessário para a realização desse processo de reinserção social.

O processo de reestruturação da Educação Física Adaptada vem sendo trabalhada no atendimento personalizado ou em grupo, pensando na promoção da saúde por meio de atividades físicas e esportivas.

Atuação com Educação Física Adaptada esbarra em situações conflitantes dependendo do grau e do tipo de deficiência que o aluno / usuário venha a apresentar. Isso exige que este profissional busque na formação continuada e na literatura científica, sugestões para resolver tais conflitos. A troca de experiências promovidas em eventos científicos também favorecem o desenvolvimento do atendimento humanizado, favorecendo a prática de atividades que promovam as valências motoras, cognitivas e afetivas.

A educação física é a própria atitude aberta, positiva, flexível, do professor, o seu desejo e vontade de adaptar as atividades e desenvolver as condições de ensino e aprendizagem, utilizando as características e necessidades de todos os seus alunos.

Partindo desta compreensão, a formação profissional é um processo permanente que pode ocorrer com experiências tanto no âmbito acadêmico, quanto no âmbito profissional. No que tange à atuação profissional, é necessário que o profissional de Educação Física tome para si o papel de pesquisador, tornando-se um profissional de postura flexível na sua atuação para que possa ocorrer adaptações e alterações, respeitando, assim, as limitações que o indivíduo apresenta.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. **Educação Inclusiva**: um estudo na área da educação física. Rev. Bras. Ed. Esp. n.2. Marília, Mai.-Ago. 2005. v.11.

AMIRALIAN, M. L. T. [et al]. **Conceituando deficiência**. Revista de Saúde Pública. núm 1. Fev. São Paulo: USP, 2000. v. 34.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental** - Educação Física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CARVALHO, E. N. S. de; MACIEL, D. M. M. de A. **Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation-AAMR: sistema 2002.** Temas em Psicologia. num. 2, 2003. v. 11.

CARVALHO, R. E. **Temas em Educação Especial.** Rio de Janeiro: WVA, 1998.

GRINESKI, S. **Cooperative Learning In Physical Education** .United States Human Kinetics 1996

GORGATTI, M. G.; COSTA R. F. **Atividade física adaptada.** São Paulo: Manole, 2005.

GIMENEZ, R. **A inclusão de indivíduos portadores de necessidades especiais nas aulas regulares de educação física: repensando sobre a prática.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 11, N°98 – 2006. <http://www.efdeportes.com/efd98/inclusao.htm>

INHELDER, B., CÉLLERIER, G. et al **Le cheminement des découvertes chez l'enfant. Recherches sur les microgenèses cognitives.** Paris: Delachaux et Niestlé. 1992

JUNCKEN, J. T. **O Esporte na vida do deficiente Mental.** Rotary Club do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 1987.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R. **Evidências da importância da atividade física nas doenças cardiovasculares e na saúde.** Revista Diagnóstico e tratamento, n. 2, p. 10-17, 2000. v.5,

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS, T. L. B. **Efeitos Benéficos da Atividade Física na Aptidão Física e Saúde Mental Durante o Processo de Envelhecimento.** Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde. n.2, p.60-76, 2000. v. 5.

MATTOS, L. A. **Políticas Públicas Formação do Professor de Educação Física: sua contribuição para a educação inclusiva.** São Paulo: USP, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **A Inclusão Escolar de Deficientes Mentais: contribuições para o Debate.** In. Revista Integração, Brasília, ano 7 1997

OLIVEIRA, A. A. S.; POKER, R. B. **Educação inclusiva e municipalização: a experiência em educação especial de Paraguaçu Paulista.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, n.2, p. 233-244, 2002. v. 8,

Organização Mundial da Saúde. **Gender and the use of medications: a systematic review.** Genebra, Organização Mundial da Saúde (documento de trabalho inédito WHO/GHW). 2000.

SPOSATI. **Globalização da economia e processos de exclusão social ,in capacitação em serviço social e politica social ,crise contemporânea questão**

social e serviço social .Brasilia ,DF,UnB,centro de educação aberta ,continuada a distancia ,modulo I , 2000

RIBAS, J. B. C. **O Que São Pessoas Deficientes**. Editora Brasiliense. 1994.

ROSADAS, S. de C. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente**: eu posso. vocês duvidam? Rio de Janeiro/São Paulo: Ateneu, 1989. 297 p.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Les fondements de la déféctologie**. In Geneviève Petitpierre, Déféctologie et déficience mentale. Neuchâtel: Delachaux e Niestlé. 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas**: fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997. v. 5.